

## **CRIANDO O SENTIDO: A PARTICIPAÇÃO DE TEXTOS LITERÁRIOS NA APRENDIZAGEM DE LEITURA EM LÍNGUA ESTRANGEIRA\***

Patrícia Nora de SOUZA (Universidade Federal de Juiz de  
Fora)

### **Abstract**

*A comparative study of the performance of two groups of readers - exposed/non-exposed to literary texts - shows a better performance of the “literary” readers, proving the hypothesis that the development of reading skill benefits from the use of a more elaborate linguistic material, whose processing requires the critical intervention of the reader.*

**Key-words:** *literary text; reading skill; elaborate linguistic material; critical intervention.*

### **Resumo**

*Um estudo comparativo do desempenho de dois grupos de leitores - expostos e não expostos a textos literários - mostra um melhor desempenho dos leitores “literários”, provando a hipótese de que o desenvolvimento da habilidade de leitura é beneficiada pela utilização de materiais lingüísticos mais elaborados, cujo processamento requer a intervenção crítica do leitor.*

**Palavras-chave:** *texto literário; leitura; material lingüístico elaborado; intervenção crítica.*

---

\* Agradeço à professora Maria Margarida Martins Salomão pelo auxílio na coleta e análise dos dados da pesquisa.

## 1. Introdução

O objetivo deste artigo é discutir o uso da literatura como ferramenta significativa no ensino de leitura em língua estrangeira a partir de uma concepção interacionista de interpretação textual, defendida principalmente por Kleiman (1989a).

Esta proposta surge como resposta à insatisfação com o ensino de leitura praticado pelas pedagogias tradicionais, que cultivam uma abordagem limitada de compreensão textual, baseada quase que exclusivamente em processos referenciais verificados no nível de organização sentencial.

Ao se enfatizarem os aspectos sequenciais e distribucionais dos elementos lingüísticos do texto, contribuiu-se para a formação de estratégias impróprias de leitura, induzindo o aluno a assumir posição extremamente passiva no processo de compreensão de um texto. Desse modo, o ato de ler é entendido e trabalhado meramente como etapa intermediária e instrumental que visa ao conhecimento da língua.

Boa parte dos problemas relativos à leitura decorrem das práticas responsáveis pela formação dos leitores. Esta constatação é muito grave, pois o ensino de leitura em língua estrangeira, geralmente, resume-se na fidelidade aos conteúdos, técnicas e textos impostos por um livro didático, tratado como mandatário de uma estratégia pedagógica testada mundialmente e aplicada como produto industrial.

Observa-se que o livro didático impõe o tom no contexto escolar, principalmente devido à sua estrutura rígida e difícil de modificar. Se consideramos a formação e

proficiência lingüística que a maioria dos professores traz para a sua prática em sala de aula, verificamos a enormidade do desafio de assumir o ensino de leitura com segurança e, sobretudo, com coerência.

Mais desesperadora, ainda, é a proposta interpretativa que o livro didático geralmente sugere para o estudo desses textos, a qual se resume em itens programados e direcionados para uma compreensão primária e literal do texto. Não se permite o desenvolvimento do aluno enquanto sujeito que interfere, reflete e avalia, excluindo a interpretação e exilando, por isso mesmo, a participação ativa do leitor.

Dentro das suas limitações, a presente pesquisa buscou apontar alternativa mais eficaz para o ensino de leitura em língua estrangeira, mediante pedagogias que privilegiam a participação ativa do aluno na construção do sentido e façam justiça à sua condição (virtual) de sujeito inteligente.

Como é óbvio, tal objetivo não é alcançável apenas pela mudança do material de leitura. Sua realização presume o cultivo persistente de estratégias que encorajem a desenvoltura da fluência interpretativa. Não cabe dúvida, entretanto, que a inclusão da leitura literária entre as leituras é expediente inestimável para o amadurecimento da capacidade reflexiva e a formação integral do leitor.

## **2. Considerações teóricas**

A leitura é vista, segundo uma perspectiva interacionista, como uma atividade essencialmente construtiva, que se realiza mediante a interação de diversos níveis de conhecimento. Porém, isso não significa dizer que compreender um texto escrito seja apenas considerá-lo um ato

cognitivo, pois como declara Kleiman (1989b: 10), “a leitura é um ato social, entre dois sujeitos - leitor e autor - que interagem entre si, obedecendo a objetivos e necessidades socialmente determinados”.

O ato de ler um texto envolve normas que não podem ser reduzidas à competência lingüística do leitor; na verdade, faz-se necessária a capacidade de confrontar a forma linear com o sistema de códigos fornecido pela língua em que o texto foi escrito e o conhecimento enciclopédico. Portanto, contexto e circunstâncias são de igual modo indispensáveis para a interpretação plena e completa da expressão.

A obra é, sem restrições, um apelo à liberdade do leitor que, no ato da leitura, intervém com sua visão de mundo, sua concepção da sociedade e da literatura; tal percepção indica que nenhuma leitura é, portanto, inocente ou feita sem pressupostos. O leitor a quem me refiro neste trabalho não tem as características de um ingênuo, aproximando-se do texto culturalmente virgem, livre de quaisquer contatos sociais e literários anteriores. Ele não é uma folha de papel esvaziada de experiências e vivências individuais e coletivas, a quem é necessário detalhar tudo, desde o princípio.

Sob esse prisma, o significado não se encontra no texto escrito, mas no diálogo entre o leitor e o texto, onde vozes individuais e sociais se cruzam para criar um discurso que consiste não somente de costumes e propriedades, mas envolve, igualmente, sistemas de valores, modelos habituais de pensamento e certas suposições predominantes sobre a natureza humana e a sociedade.

Umberto Eco, em seu livro *Lector in fabula*, revela esta participação fundamental dos fatores pragmáticos na interação leitor-texto, quando diz que:

*[...] existem propriedades de um texto que não podem ser propriedades de uma frase; ambas admitem que a interpretação de um texto se deve também (quando não principalmente) a fatores pragmáticos e que, por conseguinte, um texto não pode ser enfrentado na base de uma gramática da frase que funcione em bases puramente sintáticas e semânticas (Eco, 1986:2).*

Emerge, das considerações feitas, a verdade que, para se compreender um discurso, faz-se necessário não só identificar informações relevantes à situação, mas também analisar o contexto narrativo, relacionando a informação textual com o modelo cultural em questão; incorporando, ainda, conhecimentos de nossa memória enciclopédica, num ajuste lingüístico que possibilitará a compreensão do universo textual. Segundo Kato (1985: 100), “A compreensão exige, como vimos, a interação do leitor com os dados do texto, dados de sua memória e de sua capacidade cooperativa-comunicativa com o autor que ele geralmente não conhece”.

Diante dos estudos e descobertas realizados, fica evidente a necessidade de que a escola comece a escolher práticas pedagógicas que procurem habilitar o aluno a assumir sua condição de sujeito.

Constata-se, na prática de sala de aula, que muitas das dificuldades que os alunos enfrentam para ler um texto em língua estrangeira devem-se não ao desconhecimento da língua em questão, mas, primordialmente, à inabilidade de

interagir com o texto. Sabe-se que a leitura em uma língua estrangeira é um percurso gradual que pode levar o leitor a diferentes graus de compreensão. E, sem dúvida, nesse percurso, o conhecimento da língua é um fator determinante, mas não é o único, ou a leitura restringir-se-ia a uma decodificação da língua. A história de vida e de leitura do leitor são também determinantes no processo de compreensão que é a leitura.

Conseqüentemente, à escola cabe o desenvolvimento de estratégias que favoreçam a interação com o texto escrito, conscientizando o aluno do diálogo implícito na leitura, no qual leitor e escritor interagem através do espaço escrito, em contribuição cooperativa para a criação do discurso. Compreender, aqui, então, é conhecer os mecanismos pelos quais se põe em jogo um determinado processo de significação.

Nesse processo, reconhece-se o aluno como sujeito leitor, enquanto o professor, modelo adulto desse leitor, possui como tarefa propiciar contextos e atividades que promovam o desenvolvimento de estratégias necessárias para o alcance de uma leitura pessoal, individual e singular. Deve-se, portanto, ensinar não apenas um conjunto de estratégias, mas criar uma atitude que faça da leitura a procura da coerência: as proposições são identificadas em função do significado global e devem ser interpretadas em relação a esse significado.

É fundamental, assim, o ensino de abordagens interpretativas que tratem dos processos de inferência discursiva já que estes, assim como aqueles que se apoiam na gramática e no léxico, são processos cognitivos envolvidos na compreensão e, portanto, essenciais para a leitura. Segundo

Goodman (Apud Kato, 1985: 53): “o leitor mais competente é aquele que faz mais adivinhações acertadas e o leitor imaturo é aquele que faz uma leitura linear com pouca predição”.

### 3. Metodologia

Este estudo consiste no acompanhamento e análise da produção interpretativa de dezesseis adultos, escolhidos aleatoriamente entre os alunos de duas turmas (B e C) de Inglês III, da Universidade Federal de Juiz de Fora (oito de cada turma), consideradas de mesmo nível, quanto à proporção de alunos fracos, médios e bons.

A população investigada é composta de estudantes de graduação, provenientes de cursos variados, e leitores de inglês como língua estrangeira. Cabe ressaltar apenas que a turma C possui um maior número de alunos provenientes do Curso de Letras em período avançado (6º), o que pressupõe o domínio de estratégias sofisticadas de leitura.

A turma B constitui-se de três alunos da área de Direito (L2, L3, L5) e um aluno das áreas de Geografia (L1), Química (L4), Letras (L6), Economia (L7) e Engenharia Elétrica (L8). A turma C, de alunos da área de Letras (6 alunos - L9, L11, L13, L14, L15, L16) e de um aluno das áreas de Medicina (L12) e de Engenharia Elétrica (L10).

O roteiro para a coleta de dados é caracterizado pelos passos que se seguem.

Num primeiro momento, expôs-se a turma B, durante o segundo semestre de 1995, a textos literários que substituíram os textos didáticos fornecidos pelo livro adotado: *Break into English*, volume 2. A seleção de textos foi feita via

pesquisador, relevando-se o critério de motivação e extensão dos mesmos, a fim de se evitar textos muito longos e cansativos, que acabariam sendo fragmentados. Dentre eles, destacam-se os contos "The fly" (Katherine Mansfield); "Charles" (Shirley Jackson); "The over-night bag" (Graham Greene); a fábula "The donkey on a lion's skin"; e os poemas "The four ages of man" (William Butler); "May I feel" (E. E. Cummings); "As you like it" (William Shakespeare); "Think as I think" (Stephen Crane) e "Presentiment" (Emily Dickinson).

Devido à limitação imposta pelo tempo e programa a ser cumprido, solicitou-se aos alunos a leitura prévia dos contos listados. As perguntas de compreensão, elaboradas em inglês e explicadas previamente pela pesquisadora, foram respondidas e posteriormente discutidas. O uso, tanto da língua inglesa, quanto do português, língua materna, foi permitido para que os alunos se sentissem mais seguros para completarem as tarefas e se expressarem. Muitos alunos preferiram usar ambas as línguas, a fim de não perderem a oportunidade de praticar o idioma inglês.

Os poemas, diferentemente dos contos, foram lidos em aula, em função de sua extensão. O conhecimento prévio e as predições dos leitores, no que diz respeito ao conteúdo, foram estudados através da tarefa de análise do título e em alguns casos de ilustrações, com fins de guiar o leitor e desenvolver familiaridade com o tópico do texto. É importante ressaltar que a pesquisadora utilizou várias estratégias de leitura (*pre-text activity/ skimming/ scanning/ text comprehension/ post-text activity*, etc.) para estudarem os textos, sem a preocupação, porém, de listá-las e nomeá-las para os alunos.

O contato com os textos deu-se de forma paulatina, explorando-se desde sua organização estrutural, enumeração

e descrição de personagens até a exploração de sua relação com as vivências subjetivas dos alunos, com a finalidade de desenvolver, nos leitores, a capacidade de inferir, e um estilo de leitura analítica.

A turma C, por sua vez, teve apenas acesso aos textos e exercícios fornecidos pelo livro didático *Break into English*, volume 2, adotado pelos professores de inglês da Universidade Federal de Juiz de Fora, nos níveis de Inglês I a IV. Cabe ressaltar, aqui, como o rigor exige, que esses textos foram explorados em sala de aula, a partir dos exercícios de compreensão que os seguiam. É curioso observar, entretanto, que poucas estratégias de leitura são sugeridas ou abordadas nos exercícios trazidos pelo livro, com exceção da estratégia de antecipação ou predição do assunto do texto, aconselhada ao professor através do "*Teacher's guide*", ou mesmo pelo próprio livro do aluno.

No que se refere à produção de inferências, o livro, praticamente, ignora essa operação. Ao leitor não é oferecida, definitivamente, a oportunidade de cooperar ativamente na construção do significado do texto, pois as perguntas de interpretação quase sempre requerem respostas tão banais e pouco desafiadoras, que só resta ao aluno a identificação, transcrição ou cópia de frases do texto (*Break into English*, p. 19).

O livro apresenta, ainda, muito pouco trabalho inferencial sobre vocabulário, visto que, ou este já é listado e seu significado passivamente definido após o texto; ou exige-se do aluno que simplesmente relacione o vocabulário com seu significado já pronto, sem nenhuma análise do contexto em que este se insere (*Break into English*, p. 64).

A segunda etapa deste estudo, realizada no final do período, constituiu-se na coleta de dados propriamente dita. Ambas as turmas foram expostas ao texto tirado da revista *Time* (March 6, 1995): "How to live to be 120" (Anexo 1), com o objetivo de experimentar a capacidade interpretativa dos grupos B e C.

Para a eliciação de dados, elaboraram-se, a partir do texto base, quatro questões de compreensão datilografadas, listadas no Quadro 1.

Todas as perguntas versam, direta ou indiretamente, sobre descoberta científica que postula explicação genética para o fenômeno da longevidade humana, e requerem dos alunos uma leitura inferencial e crítica do texto em questão. Nosso propósito é testar a capacidade dos grupos B e C de realizar uma leitura construtiva, de base inferencial, mediante a interação de diversos níveis de conhecimento (conhecimento enciclopédico, lingüístico, de mundo, etc.).

QUADRO 1: Plano de eliciação de dados

PERGUNTAS	RESPOSTAS ESPERADAS	PROPÓSITO
1. O que há de especial na figura de Jeanne Calment?	O fato de ela exceder dramaticamente os patamares médios de envelhecimento pela excepcionalidade de sua herança genética.	1) Testar capacidade de organizar informação explícita, difusa seqüencialmente ao longo do texto (1º, 2º, 3º, 9º parágrafos).

2. O que revela a pesquisa do US Census Bureau no que diz respeito à população dos Estados Unidos?	O aumento numérico da população de idosos e a elevação da expectativa de vida.	2) capacidade de generalizar e abstrair a partir de informação explícita.
3. De que forma os "mais velhos" - aqueles que têm 85 anos ou mais - são superiormente saudáveis em relação aos "meramente idosos"?	Os indivíduos que chegam à idade mais elevada são geneticamente dotados com capacidade superior de resistência.	3) Capacidade de seleção crítica de informação explicitamente fornecida.
4. A que conclusão nós chegamos no que se refere aos segredos da longevidade?	A longevidade é determinada primordialmente pelo fator genético, sendo também favorecida por fatores como temperamento, moderação, prática de exercícios físicos e grau de educação.	4) Capacidade de resumir coerentemente a principal proposição do texto.

O corpus-base a que este trabalho se refere constitui-se, assim, das respostas dos alunos das turmas B e C (alvo da investigação), elaboradas em dezembro de 1995 - quando se encerrava o segundo semestre letivo. As respostas nessa fase foram produzidas em português, evitando-se o uso da língua inglesa, para que este não fosse um empecilho limitador da capacidade de expressão dos alunos.

#### 4. Resultados

As diferenças entre os grupos B e C se manifestaram nos desempenhos em relação a cada uma das respostas dadas.

Os resultados, de maneira geral, revelam que a turma C, constituída de leitores de textos didáticos, na sua maioria, forneceram respostas diferentes das esperadas (ver Quadro 1). O ato de leitura, devido ao treinamento recebido, foi tomado como um processo que envolve repetição e reprodução de informações do texto, negligenciando o trabalho de reconstrução do sentido, mediante a utilização do conhecimento prévio e produções inferenciais. A postura adotada por uma boa parte do grupo B (leitores de textos literários), por sua vez, é superior na medida em que lança mão de seu conhecimento lingüístico e extralingüístico para calcular o significado do texto lido.

Os resultados referentes à primeira pergunta: "que há de especial na figura de Jeanne Calment?", cuja resposta esperada seria o fator genético, encontram-se apresentados no Quadro 2.

QUADRO 2: Respostas à pergunta 1

RESPOSTAS	TURMA B	TURMA C
1) Atingir a idade de 120 anos e ter o nome incluído no <i>Guinness book world Records</i>	63%	63%
2) Encarar a velhice com naturalidade	38%	38%
3) Apresentar problemas físicos	75%	75%
4) Estar lúcida	50%	13%
5) Possuir genes especiais	38%	-

Os resultados mostram que, na condição comparativa, 38% dos alunos da turma B, leitores de textos literários, apontaram como relevante o fator genético, enquanto que nenhum aluno da turma C, leitores de textos didáticos, conseguiu inferir tal relação entre o tópico do texto (a explicação genética do fenômeno da longevidade humana) e a figura de Jeanne Calment.

Em qualquer caso, vale comentar as outras respostas também oferecidas - que ilustram desacertos de pedagogia de leitura de uma forma geral (com ênfase para o próprio processo de letramento em língua materna). É surpreendente que um número tão elevado de indivíduos - 75 % nas duas amostras - repute como informação relevante o fato de uma pessoa idosa apresentar problemas físicos. Espantoso seria se ocorresse o contrário.

O fato de um número tão alto de respostas mencionar essa informação prende-se, a nosso ver, ao fato de a “leitura informativa” ser testada na escola como procedimento de obtenção de conhecimento fragmentado, sem conexão nem

com o esquema conceptual relevado, nem com a significação global do texto lido.

Os alunos L3, L 4 e L5 (turma B) interagiram com as informações textuais, destacando-se por serem capazes de "reduzir" o texto à sua mensagem comunicativa, ou seja, por distinguirem idéias principais de informações sobre detalhes.

Observa-se ainda que leitores como L3 e L5 registraram, em suas respostas (apresentadas a seguir), conhecimentos prévios, crenças e experiências de vida, produzindo uma resposta que não se limitou ao fator genético:

*[...] No campo científico, Jeanne Calment é considerada uma pessoa especial por apresentar genes especiais (ainda esses genes, ou melhor, a existência desse genes está sendo discutida) que caracterizariam a longevidade. [...] É importante ressaltar o fato de Jeanne Calment não querer se submeter a cirurgias que poderiam melhorar ou até mesmo, eliminar suas limitações físicas. É isso somado as demais coisas, que fazem dela uma pessoa especial por saber aceitar a velhice de maneira natural. (L5)*

*[...] Porém, não é apenas sua bagagem genética que chama a atenção. [...] o homem não é tão somente corpo (matéria). Poder-se-ia defini-lo como sendo um ser bio-psico-social. Três forças interagindo, formando algo uno aproximando-nos de Spinoza, afastando nos de Descartes, uma força resultante [...] capaz de suportar os revezes da vida, estabelecendo com ela uma relação harmônica. Este é o segundo aspecto especial que confere a Jeanne Calment a*

*longevidade - o alinhamento dos bons genes com a capacidade de lidar com os obstáculos da vida de maneira saudável e vibrante e, assim, superando tanatos. (L3)*

Foi típica na turma C, por sua vez, a apresentação de uma lista de doenças da personagem, sem qualquer ordenação, apoiando-se em cópia e tradução de trechos do texto, como vemos a seguir:

*Jeanne Calment completou em 1954, anos, que é a expectativa de vida de uma mulher atualmente nos Estados Unidos. [...] Ela não escuta muito bem, não anda, devido a uma fratura 5 anos atrás e sua visão foi tomada pela catarata. Ela acha natural envelhecer e espera uma vida curta.(L10)*

*Como muitas pessoas acima de 85 anos, Jeanne Calment não escuta muito bem, tem impossibilidade de se locomover sozinha e possui cataratas que a impedem de enxergar. (L9).*

A falta de organicidade e relevância das informações textuais extraídas são justificadas pela prática escolar de leitura. É curioso observar que os alunos de Letras, maioria na turma C (leitores de textos didáticos), que, presumidamente, dominariam estratégias mais sofisticadas de leitura, não escapam a esta tendência.

No Quadro 3, a seguir, apresentamos as respostas dos dois grupos para a pergunta: "O que revela a pesquisa do US Census Bureau no que diz respeito à população dos Estados Unidos?" As percentagens revelam a tendência marcante da turma C em reproduzir as informações do texto.

QUADRO 3: Respostas à pergunta 2

RESPOSTAS	TURMA B	TURMA C
1) Um crescimento de 232% na faixa etária de idosos com 85 anos ou mais, entre 1960 e 1990	63%	75%
2) A projeção de que no ano 2.040 haverá 1,3 milhões de americanos com 100 anos ou mais de idade	88%	75%
3) o crescimento da população idosa nos EUA	75%	13%
4) Outras explicações	25%	-

As percentagens obtidas refletem a dificuldade com que os alunos da turma C (leitores de textos didáticos) movem-se além dos dados estatísticos explícitos no texto, que é fruto, talvez, de um treinamento, desenvolvido em sala de aula, motivado pelo material adotado, ou pela própria prática de ensino utilizada pelo professor, pois a habilidade de identificar e extrair informações explícitas contidas no texto é tratada como única condição relevante de leitura. A utilização do texto como pretexto para aula de gramática e veiculador de informações escolares contribui para a formação de estratégias de leitura inadequadas, pela ênfase que coloca nos aspectos seqüenciais e distribucionais dos elementos lingüísticos do texto, ignorando as diferenças existentes entre decodificação e compreensão.

Isso significa dizer que para ter sucesso em certas tarefas "interpretativas" escolares, o aluno não precisa compreender o texto, nem perder tempo em elaborar por extenso as respostas. Basta marcá-las no próprio texto, procedimento muito usado pelos alunos como uma consequência direta da concepção escolar de que ler é decodificar e reter o explícito (*Break into English*, p. 123).

Tal postura acaba por tolher a capacidade reflexiva e criativa do indivíduo enquanto leitor.

Os alunos da turma C (leitores de textos didáticos), portanto, utilizaram-se, principalmente, dos procedimentos de cópia e tradução dos dados, sem refletir sobre o que estes na verdade representam, realizando uma leitura tímida, limitada e redutora.

*Revela que em torno de 2.040 terá em torno de um milhão e trezentos mil americanos com 100 anos de idade ou até mais. Alguns estudiosos da demografia chegam a apostar em quatro milhões na mesma situação. (L13)*

*A população dos Estados Unidos cresceu, entre 1960 e 1990, 39% sendo que: a faixa de idade inferior a 25 anos cresceu 13%; superior a 65, 39% e superior a 85 anos, 231%. US Census Bureau projeta para 2.040 uma população de 1 milhão e 300 mil americanos com mais de 100 anos, alguns demógrafos projetam 4 milhões. (L10)*

Na realidade, a cópia dos números aqui apresentados no texto sem qualquer interpretação destes não causou nenhuma surpresa, na medida em que os exercícios de compreensão do livro texto adotado, quase sempre, demandam do aluno a transcrição de números ou percentagens que os textos lidos apresentam, sem nenhum questionamento sobre o que representam: “*What’s the circulation of woman’s own?*” (*Break into English*, p. 123); “*How many people’s job depend on tourism?*” (*Break into English*, p. 53), “*How many magazines did people buy in Britain last year?*” (*Break into English*, p. 123).

Na reflexão sobre os números apresentados, a turma B (leitores de textos literários) mostra-se superior. Observa-se que a maioria das respostas apresentadas possuem duas partes. A primeira concentra-se na listagem dos dados apontados no texto, o que não é nenhuma novidade, visto que a outra turma também o fez. Entretanto, a segunda parte constitui-se de uma interpretação desses números, a qual, basicamente, trata do crescimento da população idosa nos Estados Unidos, e do aumento global da expectativa de vida.

*A pesquisa do US Census Bureau prevê que no ano de 2.040 existirão 1,3 milhões de americanos com 100 ou mais. A pesquisa é baseada no fato de que o número de pessoas com idade acima de 85 anos tem aumentado em grande proporção (muito mais do que as outras faixas etárias) nos últimos anos. (L8)*

*A pesquisa do US Census Bureau revela um envelhecimento da população norte-americana. Cada vez mais pessoas em termos absolutos e relativos atingem idades avançadas. [...]. (L1)*

É importante ressaltar aqui o fato de que o sucesso da tarefa proposta não depende apenas da competência lingüística, mas da qualidade de interpretação dos dados fornecidos. A coerência textual não é determinada, nem obrigatoriamente, nem exclusivamente, pelo acesso aos recursos lingüísticos presentes no texto.

Entre os alunos da turma C (leitores de textos didáticos), que não deram as respostas esperadas, observa-se um enfoque essencialmente lingüístico de significado. Para eles, a significação parece ser propriedade das palavras,

característica que se torna evidente na comparação das justificativas dos grupos B e C.

Os alunos L3 e L5 (turma B), leitores de textos literários, constroem relações com um contexto mais amplo (contexto sócio-cultural brasileiro), através de um processo inferencial, utilizando como premissas seu conjunto de crenças e experiências de mundo:

*Estes números demonstram que num país minimamente culto, no qual saúde, ao lado de educação e etc., é um assunto de "segurança nacional", a expectativa de vida é longa. Ao contrário do que se dá com certos países situados abaixo da linha do Equador. (L3)*

*Há ainda, a expectativa de que possam levar uma vida normal, não sendo marginalizados pela sociedade e podendo praticar os atos da vida cotidiana as limitações físicas e sociais não serão empecilhos na vida dessas pessoas. (L5)*

Analisando-se comparativamente os dados do Quadro 4, referente à pergunta 3 “De que forma os 'mais velhos' - aqueles que têm 85 anos ou mais - são superiormente saudáveis em relação aos 'meramente idosos' (50-80anos)?” observa-se que metade da turma B formula a resposta esperada, contra 13% do contingente C.

QUADRO 4: Respostas à pergunta 3

RESPOSTAS	TURMA B	TURMA C
1) Devido ao fator genético	50%	13%

2) A menor incidência de certas doenças a partir dos 85 anos	25%	25%
3) A vida em comunidade	-	25%
4) A diminuição das tensões	-	13%
5) Devido ao fato de serem mais saudáveis	25%	25%

O aluno da turma C, L15, porém, apesar de ter mencionado o fator genético, não foi capaz de reorganizar as informações textuais explícitas relevantes. Esse fato é comprovado pelo recurso à tradução literal de frases soltas, de forma inconsistente, não sendo capaz, portanto, de reconstruir inferencialmente a unidade discursiva. Evidencia-se, ainda, sua inconstância pela seleção de abundantes informações de detalhe. Tal postura é resultado de uma prática escolar que concebe o aluno como sujeito irremediavelmente destinado à qualidade de receptor passivo (*Break into English*, p. 71), esquecendo-se o fato de que o sujeito está em toda atividade, em busca de princípios que lhe permitam organizar e avaliar a experiência.

*O segredo da vida longa são os genes. Especialistas dizem que os genes são resistências especiais dos radicais livres, resíduos químicos. Dizem ainda que pessoas vulneráveis para Alzheimer's certamente têm o gene desta proteína". (L15)*

É importante observar que L15 é aluna de Letras e encontra-se num período do curso (6º) que pressupõe o domínio de certas estratégias de leitura que supostamente resultariam em mais elevada organicidade conceptual.

Os alunos da turma B (leitores de textos literários), que apontaram igualmente o fator genético, mostram-se

melhores leitores ao reorganizarem com clareza as informações relevantes, depreendendo o tema do conjunto da informação global:

*[...] A explicação para tal acontecimento fundamenta-se na existência de um fator genético determinante da longevidade, na riqueza de defesa orgânica que as pessoas com idade mais avançada - "os mais velhos" - teriam. O ponto chave da longevidade estaria nos genes, considerados, assim, especiais". (L5)*

*Através da leitura do texto e de acordo com o relato das pesquisas dos institutos especializados, podemos constatar que pessoas que possuem idade superior a 85 anos são pessoas que possuem genes "especiais". Esses genes fazem com que estes idosos sejam mais resistentes aos males característicos da velhice: mal de Alzheimer, ataques do coração, colesterol e etc. [...]. (L6)*

O aluno L1 da turma B (leitor de texto literário), por sua vez, lançou mão de seu conhecimento prévio sobre o paradigma darwiniano, abordando a teoria da seleção natural que, aplicada ao texto, resultou na seguinte interpretação:

*Podemos dizer que é uma espécie de "seleção natural". Aqueles que atingem idades mais avançadas (mais de 85 anos) são os indivíduos geneticamente e/ou por influência do meio mais "saudáveis". (L1)*

Tal abordagem também foi feita por L8, dessa mesma turma, porém de forma menos direta: "Somente as pessoas

geneticamente fortes (mais saudáveis) conseguem 'sobreviver' a essa faixa crítica".

Percebe-se que o ato da leitura, aqui, se deu de forma interativa, ou seja, L1 e L8 buscaram uma interação entre o universo informacional do texto e o conhecimento prévio de que dispunham.

Os sujeitos restantes - 25% nas duas amostras - que optaram pela resposta número 5, formularam-na tomando como base a informação de que os idosos acima dos 85 anos já passaram pela fase crítica de certas doenças e, portanto, se sobreviveram, é porque eram mais saudáveis. Tal resposta revela a incapacidade de trabalhar relações semânticas macroestruturais, bem como de hierarquizar o grau de relevância de tais informações. Indiretamente, tocou-se no ponto da seleção que o meio impõe ao indivíduo, sem, entretanto, mencionar o fator que, provavelmente, lhe confere tal resistência: os genes.

*Porque depois que se passa da zona de risco, por exemplo, problemas de coração são mais comuns em homens entre 50 e 80 anos e de 60 a 90 em mulheres, as chances de se ter este problema diminuem consideravelmente. O médico Thomas Perls, formado pela Universidade de Harvard afirma que aqueles que não têm muita resistência, morrem cedo e o que resta é um grupo restrito de pessoas saudáveis e fortes. (L13 - Turma C)*

*[...] Desta forma, pode-se dizer que os super-idosos já atravessaram os períodos críticos em que as doenças degenerativas provocam a morte do ser humano e, assim, pode-se dizer que estão mais*

*saudáveis e tendem inclusive a viver mais (L3 - Turma B)*

Observa-se, pois, que na turma C (leitores de textos didáticos), principalmente nos alunos de Letras L9, L11 e L14 a ocorrência de respostas afastam-se do alvo desejado. Isso pode ser explicado pelo fato de que o leitor não-proficiente, quando não consegue extrair informação do texto porque ela não se encontra explícita e à sua mão, utiliza-se exclusivamente de seu conhecimento prévio ou seleciona qualquer informação disponível, sem exigência de integração semântica. Essa dificuldade em percorrer a trajetória necessária de ativação de conhecimento e inferência para realizar a interpretação do trecho requerido ou mesmo por deficiências de conhecimento lingüístico, produziram as seguintes respostas:

*Devido ao fato de viverem em comunidade. (L14)*

*No sentido em que eles ainda vivem na comunidade, podendo sair e, inclusive, caminhar e subir escadas, com relativa facilidade, o que às vezes, não acontece com pessoas com idade superior. (L13)*

*[...] Aqueles já não têm que se preocupar tanto como o futuro quanto estes, diminuindo assim as tensões que levam os meramente idosos a doenças muitas vezes fatais. (L9)*

O Quadro 5, referente à pergunta (d) - "A que conclusão nós chegamos, no que se refere aos segredos da longevidade?" - revela que, nesse caso, ambas as turmas listaram, satisfatoriamente, os fatores que direta ou indiretamente estão ligados à longevidade. Destacam-se, porém, as respostas dos alunos da turma B (leitores de textos

literários), que, sem exceções, abordaram, como fator primordial, o fator genético.

QUADRO 5: Respostas à pergunta 4

RESPOSTAS	TURMA B	TURMA C
1) A longevidade é determinada pelo fator genético	100 %	88%
2) Temperamento	100 %	88 %
3) Prática de exercícios	75%	100 %
4) Educação	75 %	50 %

É igualmente importante que se comente, a despeito dos números apresentados, o desempenho de alguns alunos desse grupo B que, ao responderem a pergunta em questão, extrapolaram o dictum, ativando seus outros conhecimentos sobre o assunto, e emitindo sua opinião crítica sobre os dados que o texto fornecera.

*De acordo com o texto, a conclusão a que chegamos é primeiramente darwiniana: aqueles geneticamente mais saudáveis sobrevivem aos que não atingem este grau de excelência biológica. [...]. Junto a isto, a explicação de que para atingir a longa vida é preciso morrer a própria morte [...] Cuidar mais de si mesmo, desligando-se das demandas da sociedade. Agir conforme o desejo. (L3)*

É curioso observar que, mais uma vez, a teoria darwiniana de seleção natural foi referida pela turma B (leitores de textos literários), aplicando-a à situação suscitada pelo texto: as pessoas geneticamente fracas não ultrapassam a zona de risco, caracterizadas por certas doenças, e o que sobra, portanto, é uma leva de pessoas idosas suficientemente saudáveis e aptas a terem uma vida longa.

*No que tange ao segredo da longevidade, concordo com Katherine Mansfield, estamos imersos no tinteiro e algo exterior e superior a nós é que decidirá o quantum da nossa existência. Eis, pois, mais um fator a ser considerado pelos cientistas: o fator sorte, como atrás acentua a sabedoria profunda do senso comum de Jeanne Calment. (L2)*

Percebe-se, aqui, que L2 reportou-se ao texto literário estudado durante a pesquisa "The fly", escrito por Katherine Mansfield, lançando mão, portanto, de informações extra-texto, a fim de defender sua opinião, a respeito dos segredos da longevidade. Segundo esse leitor, nossa existência é guiada por algo exterior e superior a nós.

A inferência também foi utilizada na construção da resposta que se segue, visto que o texto ressalva que "*if there's a secret to long life, it is surely in the genes. Calment's mother lived to 86, her father to 86...*". Apropriando-se dessa ilustração, a aluna produziu o seguinte comentário:

*A longevidade, segundo o texto, é uma questão principalmente de genética. As pessoas cujos pais viveram muito certamente carregarão genes que irão lhes conferir uma resistência especial. (L8)*

A turma C (leitores de textos didáticos), em contrapartida, se deteve e se prendeu às informações que o texto propôs, sem nenhuma reflexão adicional. Alguns poucos alunos arriscaram, timidamente, extrapolações, baseados em seus conhecimentos prévios, sem contudo, discutir criticamente os fatos.

*A longevidade está associada à genética, ao estilo de vida da pessoa, à prática de exercícios, a uma reeducação alimentar, ao uso correto de remédios e vitaminas e ao temperamento da pessoa. (L14)*

*Jeanne Calment, por exemplo, pode ser vista como quem associou a tranqüilidade, a calma, aos segredos da longa vida. (L15)*

## **5. Conclusão e implicações pedagógicas**

Este estudo representa resultados de investigação sobre o emprego do texto literário no ensino de leitura em língua estrangeira.

As reflexões sobre os resultados de pesquisa sobre os tipos de interação texto-leitor, que permitiram a caracterização e diferenciação dos processos interpretativos dos grupos testados, serão, aqui, consolidadas.

A análise revela que os constituintes do grupo C lançaram mão, essencialmente, de seu conhecimento da forma lingüística, selecionando como pistas suficientes fragmentos formais tratados atomisticamente e, por isso mesmo, insuficientes para reconstruir a unidade do sentido textual. Assim, praticaram comportamentos automáticos de reconhecimento do léxico e das estruturas gramaticais sem a busca da integração conceptual desses elementos.

Observa-se que esse grupo apresentou dificuldades de organizar e selecionar criticamente as informações apresentadas ao longo do texto, bem como de resumir coerentemente sua principal proposição. Mesmo os alunos de Letras, que têm contato com a leitura literária e,

conseqüentemente, com estratégias interpretativas mais sofisticadas, apresentaram tal dificuldade.

Não é o caso, entretanto, de afirmar que falte aos leitores capacidade de compreensão: o viés de atinência à microestrutura formal correlaciona-se com uma proposta curricular fragmentada, que permite a ilação de que a leitura em língua estrangeira seja tratada como processo totalmente diferente de leitura em português.

A dificuldade em obter uma interpretação mais ampla decorre, ainda, da rigidez e inflexibilidade das abordagens do texto didático, caracterizadas por um padrão de expectativas pré-determinadas e que vêm sendo confirmadas por uma prática pedagógica que opera por instruções simplistas. Desenvolve-se, dessa forma, um esquema do trabalho com o texto didático, estereotipado e convencional; um modelo acabado e mantido por repetição.

A pesquisa comparativa mostra melhor desempenho dos leitores de textos “literários”, o que comprova a hipótese de que a experiência de leitura é beneficiada amplamente com o uso de textos que não sejam pretexto para a veiculação de informação, mas instrumentos em uma prática pedagógica que compreenda a leitura como a procura da coerência.

Essas considerações abrem campo para propostas pedagógicas que propiciem o envolvimento do leitor-aprendiz com o significado do texto. Para isso precisamos lançar mão de textos “envolventes”, e de estratégias interpretativas, que instrumentalizem seu processo de compreensão.

O estudo do corpus detectou, como já esperado, dificuldades na área de leitura segundo a postura tradicional,

ainda vigente nas escolas, e apontou sugestões para a elaboração de novos materiais.

Certamente, a integração pedagógica proposta pelo estudo realizado poderá favorecer uma intervenção mais eficaz do professor, contribuindo para a preparação de leitores autorizados a elaborar hipóteses, correlacionar interpretação textual e experiência de vida, controlar criticamente as operações cognitivas que desencadearam e, no final das contas, pensar com a própria cabeça (seja em português, seja em inglês, seja em qualquer língua).

Recebido em 09/96. Aceito em 01/97.

### **Referências Bibliográficas**

- CARRIER, M. & S. HAINES (1996) *Break into English* - v. II. London: Hodder and Stoughton.
- ECO, U. (1986) *Lector in fábula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos*. Trad. Atílio Cancian. São Paulo: Perspectiva.
- KATO, M. (1985) *O aprendizado da leitura*. São Paulo: Martins Fontes.
- KLEIMAN, A. (1989a) *Leitura: ensino e pesquisa*. Campinas: Pontes.
- \_\_\_\_\_ (1989b) *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas: Pontes.

*Patrícia Nora de Souza has an M.A. in Theory of Literature and is a professor of English at the University of Juiz de Fora.*

### **Anexo 1**

O texto base foi selecionado segundo os seguintes critérios:

- a) a intuição da pesquisadora a respeito do tipo de tópico que poderia ser de interesse potencial aos leitores-alvo, constituindo, de certa forma, parte de seu conhecimento prévio;
- b) as exigências da pesquisa em relação à escolha textual selecionada em área diferente daquelas abordadas durante o período preparatório (texto didático / texto literário);
- c) a presença de figuras e gráficos ilustrativos que oferecem pistas sobre o tema a ser abordado.

A pesquisadora ofereceu, para as duas turmas, as seguintes instruções: “Vocês receberão um artigo da revista *Time*, da seção de saúde. Leiam-no silenciosamente. O propósito da leitura é responder as perguntas que acompanham o texto. Vocês terão duas horas para completar essa tarefa”. Após isso, não procedeu a nenhuma interferência durante a coleta de dados.

Texto e perguntas da pesquisa

1 - Responda de acordo com o texto:

- 1) O que há de especial na figura de Jeanne Calment?
- 2) O que revela a pesquisa do US Bureau no que diz respeito à população dos Estados Unidos?
- 3) De que forma os “mais velhos” aqueles que têm 85 anos ou mais - são superiormente saudáveis em relação aos “meramente idosos” (50-80)?
- 4) A que conclusão nós chegamos no que se refere aos segredos da longevidade?

## ■ HEALTH

## How to Live to Be 120

Good genes and rolling with life's punches help account for the surprising vigor of the oldest old

By **CLAUDIA WALLIS**

**T**O GRASP WHAT IT MEANS TO BE 120 years old, consider this: a woman in the U.S. now has a life expectancy of 79 years. Jeanne Calment of Arles, France, reached that advanced age back in 1954, when Eisenhower was in the White House and Stalin had just passed from the scene. Twenty-two years later, at age 100, Calment was still riding her bicycle around town, having outlived both her only child and grandchild. And 20 years after that, she was charming the photographers and reporters who arrived in droves last week, along with the French Minister of Health, to mark her 120th birthday.

The woman certified by the *Guinness Book of World Records* as the oldest living human allowed that she was "very moved" by the celebration. How does she feel? Like half the people over 85, she no longer hears very well. A broken hip five years ago left her unable to walk, and cataracts have

the danger zones are less apt to be stricken at all. Similarly, Alzheimer's disease usually picks off its victims by the mid-80s. Peris found that men in their 90s outperformed octogenarians in tests of mental function.

The Grim Reaper himself may slow his pace for the oldest old. While the chance of dying increases exponentially, with each year from 50 to 90, the odds rise less steeply after 90.

The vigor of the very old has a simple explanation, says Peris: "The genetically weak die off, and what is left is an enriched group of healthy, strong individuals." This weeding-out process is most evident among those for whom the selection pressures are greatest. For instance, while death rates are higher for African Americans than for whites up to age 75, blacks who make it to 75 have superior health and longevity. Similarly, although men have a shorter average life-span than women, males who do survive into extreme old age tend to be in better shape than women. Men make up 20% of 100-year-olds and 40% of 105-year-olds.

If there's a secret to long life, it is surely in the genes. Calment's mother lived to 86, her



NGEVEN TIEN—GAMMA LIAISON

robbed her of vision. (She has refused surgery, says her physician, Victor Lebre, because "she thinks it's normal at 120 not to see.") But there is no question that her wit is intact. Asked what kind of future she expects, Calment didn't miss a beat: "A very short one." As for her Methuselah achievement, "It's not impressive at all," she insisted. "It's natural to grow old."

True, of course, but 120 borders on the unnatural. It is at the uppermost limit of what biologists believe is the maximum human life-span. Calment, says Harvard geriatrician Dr. Thomas Perls, "is the Michael Jordan of aging," genetically blessed with extraordinary physical gifts that favor survival. "The chances of you or me getting to be her age are similar to our chances of playing basketball like Jordan." Only one other person is known to have lived as long: Shigechiyo Izumi of Japan, who died in 1986 at 120 years.

Whereas few of us can expect to be longevity superstars, demographic trends show that more and more people in many countries will at least make it into the big league. The "oldest old"—those 85 and older—make up the fastest-growing segment of the population in the U.S. and other prosperous nations. Between 1960 and 1990, while the overall U.S. population grew 39%, the ranks of those 85 and older jumped 232%. The U.S. Census Bureau



**RECORD HOLDER: Born in 1875, Jeanne Calment is the "Michael Jordan of aging," says one doctor**

projects that by 2040, there will be 1.3 million Americans 100 years or older; some demographers put the figure at 4 million.

The picture of 4 million doddering, medically needy centenarians is not pretty, but the prospect may not be so grim. People who make it past 85 are a hardy group, says Richard Suzman of the U.S. National Institute on Aging. About 30% still live in the community and "are robust in the sense that they are able to lift shopping bags, walk half a mile [0.8 km] and climb stairs."

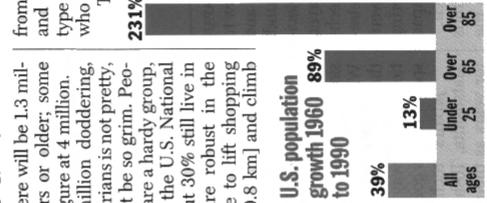
The oldest old are healthier than the merely old in several respects. Heart disease and stroke, for instance, have their greatest impact in the 50s through 80s for men and about 10 years later for women. Those who make it past

father to 93. Scientists speculate that long-lived people may carry genes that confer special resistance to the assault of free radicals, chemical residues of metabolism that do increasing damage to DNA as the years roll by. Researchers are also looking at apolipoprotein E, a substance that ferries cholesterol to and from cells. People vulnerable to Alzheimer's and heart disease tend to have a certain type of gene for this protein, while those who live longest tend to have another type.

Temperament, also genetically mediated, may play a role in longevity too. Perls, who is studying 100 Boston-area centenarians, notes that whereas they all have seen their children, siblings and friends die, they "handle stress incredibly well." A life-style of moderation and exercise also helps, as does education. Studies suggest that, on average, better-educated people suffer less mental deterioration in old age.

As for Jeanne Calment, she seems to embody the calm resilience associated with long life. "I took pleasure when I could," she said last week. "I acted clearly and morally and without regret. I'm very lucky."

—Reported by Alice Park/New York



TIME, MARCH 6, 1995